

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO

EDITOR: SEBASTIÃO SANTOS SILVA

DELEGAÇÃO EM LISBOA - TELEFONE 31839

AVENÇA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 72 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE 254

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: GRÁFICA DO SUL - V. R. S. ANTÓNIO

UM MESTRE DE TRINEIRA SUGERE FISCALIZAÇÃO A BORDO PARA SE EVITAR A MORTANDADE DO PEIXE MIÚDO

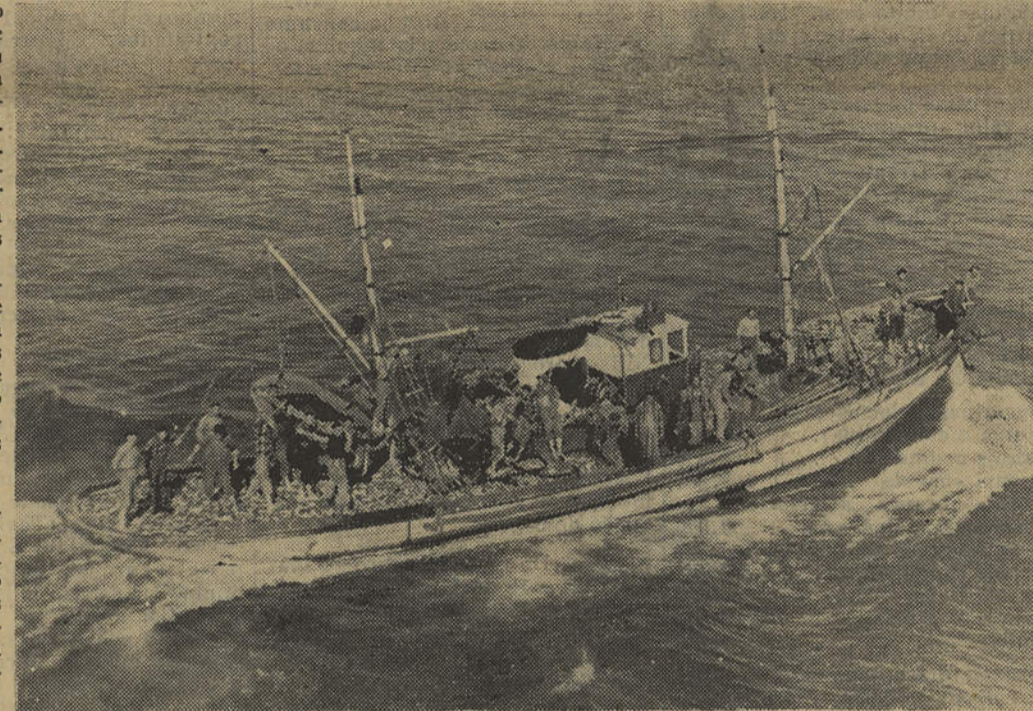
ARMAÇÃO DE PÊRA — Em locais insertas no *Jornal do Algarve* temos apontado a necessidade urgente, de as autoridades marítimas procederem a rigorosa fiscalização, pondo termo ao abuso da matança do peixe sem a medida legal, delito praticado na nossa costa por marítimos inconscientes. Nem todos os homens do mar são porém levianos. Há muitos que têm a noção das realidades e que sabem que uma pesca criminosa acaba por prejudicar todos. A propósito falámos com o mestre de uma trineira, a quem interrogámos sobre os abusos que têm sido praticados.

— Acabo de ler no *Jornal do Algarve* — disse-nos ele — a notícia, embora incompleta, em que se pede a intervenção das autoridades marítimas para acabar com o crime cometido por certos marítimos na matança da criação da sardinha, e digo-lhe que se o Governo, por intermédio das capitânias, não tomar sérias providências, eu, e os meus companheiros, dentro de poucos anos, não encontraremos uma sardinha para pescar.

— Por que classifica a notícia de incompleta? — É que os senhores não fazem ideia da grande destruição de que o peixe é vítima. Avaliam-na pela dúzia de barcos carregados de sardinha (a maioria sem medida) que vem à lota. Mas isto não passa de uma simples amostra! As autoridades apreendem-nos, cassam aos mestres as cartas e cédulas marítimas por uns dias e parece à primeira vista que tudo está sanado. Puro engano! A destruição continuará.

— Mas como pode ser?

— Ouça. Os mestres que mandam os barcos para a lota sem a percentagem de sardinha grande exigida por lei são os que menos prejuízo causam. No geral, vendo que o peixe é curto, copejam apenas um ou dois barcos para ver se escapam da apreensão e abrem as redes para que o resto do peixe, ainda vivo, se escape e possa atingir a maturidade. Mas aqueles que não querem ver-se em apuros com a autoridade não estão com meias medidas. Ou coam com redes próprias alguma sardinha grande ou então copejam com enxalvares para a coberta da trineira e das enviadas e põem a companhia a escolher as poucas sardinhas grandes que aparecem, andando os homens atolados até aos joelhos nas pequenas sardinhas que são irremissivelmente destruídas. Fina a criminosa operação, a massa repugnante é lançada à água e vai



Após uma noite de labuta, a trineira, «arte» que tanto contribui para movimentar e enriquecer os nossos portos, regressa à base com a sua carga de sardinha

NOVO SECRETÁRIO nacional da Informação

ASSUMIU as altas funções de secretário nacional da Informação o sr. dr. César Moreira Baptista que durante alguns anos desempenhou o cargo de presidente da Câmara Municipal de Sintra onde le-



Dr. César M. Baptista

vou a cabo uma obra muito apreciável de valorização daquele conceito. Pessoa de larga visão, apaixonado pelo problema do turismo que tão descuidado tem sido, espera-se que a sua acção neste importante domínio seja eficaz e proveitosa para o País. E permitimo-nos

chamar a atenção do novo secretário nacional para o Algarve, para o abandono em que se encontram as suas magníficas praias (sem dúvida as melhores do País), no que respeita a acomodações hoteleiras, deficientes numas e inexistentes noutras.

Esperamos que o sr. dr. César Moreira Baptista não esqueça os nossos problemas de turismo. E aproveitamos o ensejo para arquivar a Saudação que dirigiu à Imprensa no acto da sua posse:

«Com a maior sinceridade daqui dirijo — disse — a toda a Imprensa portuguesa uma saudação muito amiga e a afirmação de que este Secretariado há-de procurar sempre as mais convenientes soluções, conducentes às maiores facilidades possíveis para a alta missão que lhe incumbem».

CASAS DE RENDA económica e para operários em Vila Real de Santo António

FINALMENTE parece que se encara com o sentido de resolver, o problema da habitação em Vila Real de Santo António, problema que, como temos dito, é angustioso. Para o efeito deslocou-se a Lisboa o sr. Matias Barroso G. Sanchez, presidente do município e o sr. ministro do Interior assinou uma portaria que autoriza a Câmara a vender à Federação das Caixas de Previdência, com dispensa de formalidades prescritas no Código Administrativo, duas parcelas de terreno, uma com a área de 1.200 metros quadrados, destinada à construção de casas de renda económica, e outra com a área de 2.400 metros quadrados, à construção de casas para operários, aos preços de 40\$00 e 10\$00, respectivamente, cada metro quadrado.

Oxalá as obras não demorem pois as casas são absolutamente necessárias!

Conclui no 6.ª página

Portos do Algarve

De Janeiro a Novembro do ano findo os rendimentos das Juntas Autónomas dos Portos do Sotavento e Barlavento do Algarve foram, respectivamente, de 3.625.525\$90 e 1.986.734\$70.

«Saí de Portugal sem um livro, sem um papel, sem um apontamento ou nota; nada que de longe ou de perto, recordasse o antigo literato ou o político; abri na vida uma página perfeitamente em branco. Pouco ou nada leio; como e bebo com apetite e proveito; durmo a noite em dois sonos de pedra; faço



Carro alegórico do Carnaval de Loulé

PROMETEM SER GRANDIOSAS AS FESTAS CARNAVALESICAS DO ALGARVE

PROSEGUEM em bom ritmo os trabalhos preparatórios dos festejos carnavalescos, em Loulé, Portimão e S. Bartolomeu de Messines. Como nos anos anteriores, a beleza da mulher algarvia encontrará moldura graciosa nos carros alegóricos, de decorações caprichosas em que fantasia e bom gosto, unindo-se, produzem apoteoses de cor. Muitos milhares de visitantes, de todos os pontos do País, vão viver algumas horas de franca e espontânea

O ALGARVE NA OBRA DE TEIXEIRA GOMES

IV
LENDO uma carta enviada a João de Barros em 4 de Maio de 1927, a qual é um perfeito documento humano, podemos ver que Teixeira Gomes, homem que suportou calúnias das mais vis, revela uma dignidade exemplar ao recolher-se intransigentemente no mundo que construiu para si, sem ser capaz de proferir uma palavra em desabono de ninguém, em desabono dos seus próprios caluniadores.

«Saí de Portugal sem um livro, sem um papel, sem um apontamento ou nota; nada que de longe ou de perto, recordasse o antigo literato ou o político; abri na vida uma página perfeitamente em branco. Pouco ou nada leio; como e bebo com apetite e proveito; durmo a noite em dois sonos de pedra; faço

todas as manhãs uma hora de ginástica e à tarde dou um passeio regulamentar de dez quilómetros; os museus, as igrejas, os monumentos, abrem-se-me como outras tantas portas para o paraíso; o espectáculo das ruas nunca me embasbacou e surpreendeu como agora;

Continua no 6.ª página

A ALICIANTE «ESTAÇÃO» ALGARVIA

por ARNALDO MARTINS DE BRITO

A ACOMPANHAR a grande reputação das amendoieiras em flor, o Algarve conta também, com o atractivo do seu Carnaval. Inúmeros forasteiros vêm de todos os pontos do País contemplar a florescência dessas lindas árvores, num espectáculo maravilhoso, de deslumbrante beleza, e divertirem-se nas festas carnavalescas em Loulé, Portimão e S. Bartolomeu de Messines, simpáticas e laboriosas terras que, num momento de feliz inspiração, conquistaram para a economia algarvia uma valiosa receita. Aos mentores e continuadores de tão importante iniciativa de carácter turístico, rendemos sinceros louvores.

Loulé e Portimão tornaram-se símbolos de graça e de alegria celebrando e fazendo reviver os costumes dos tempos passados. Atraentes manifestações de regozijo popular que dão ensejo aos decoradores, rivalizando em esmero a apresentarem artísticos veículos, realçando aos olhos dos espectadores, de maneira surpreendente, os méritos das artes e ofícios.

Esses artistas conseguem também o prodígio de, com as suas ornamentações, transformarem o Algarve, em Fevereiro, numa autêntica Primavera. Tirando partido das suas virtudes, fazem passar triunfalmente pelas ruas engalanadas, um conjunto festivo e bem escolhido de formosas raparigas, que em «bouquet» com a

Visado pela delegação de Censura

A Câmara e a Lavoura de Mértola ESPERAM A CONSTRUÇÃO DO PORTO daquela vila alentejana

EM todo o Baixo Alentejo despertou o maior entusiasmo o nosso artigo solicitando do Governo que se dê começo de uma vez à destruição dos vaus do Guadiana e à construção do porto de Mértola, obras já dotadas mas que inexplicavelmente caíram no esquecimento.

A aplaudir o nosso artigo, recebemos os seguintes telegramas:

«Em nome do concelho e no meu próprio nome apresento a

AEROPORTO DO ALGARVE

A «Revista do Ar» transcreveu quase na íntegra o nosso editorial sobre o Aeroporto do Algarve no qual solicitávamos a construção desse importante melhoramento na nossa Província. Posteriormente, como é do conhecimento público, visitou o Algarve o director geral da Aeronáutica Civil, sr. general Humberto Delgado e cremos firmemente que o ilustre oficial general não descansará enquanto não for satisfeita esta legítima aspiração dos algarvios.

Na última assembleia geral da Casa do Algarve foi aprovado, por aclamação, um voto de louvor ao sr. general Humberto Delgado pelo interesse que está a demonstrar na solução do problema.

V. os melhores agradecimentos pela publicação do magnífico artigo sobre a urgente necessidade da construção do porto fluvial em Mértola, esperando que o Governo atenda a nossa mais velha aspiração e premente necessidade para o progresso do Baixo Alentejo e da nossa terra natal. Apresento a V. os meus melhores cumprimentos.

O Presidente da Câmara de Mértola

a) Eduardo José Raposo

«Tendo conhecimento do artigo publicado no dia 1 no vosso conceituado jornal sobre a construção do porto fluvial em Mértola, o Grémio, representando a Lavoura, apressa-se a apresentar os seus agradecimentos e associa-se à aspiração de ver essa obra realizada para bem do progresso da nossa província do Baixo Alentejo.

a) O Presidente do Grémio da Lavoura de Mértola

A PESCA DO ATUM no Algarve

Por absoluta falta de espaço, vimos-nos forçados a retirar deste número a magnífica crónica do nosso ilustre colaborador sr. capitão-de-mar-e-guerra José Salvador Mendes.

VISITAS

O número de estrangeiros que em 1956 se alojaram em hotéis e pensões do Algarve foi o seguinte: Praia da Rocha, 1.993; S. Brás de Alportel, 1.229; Faro, 925; Vila Real de Santo António, 476; Portimão, 221 e Lagos, 182. Os visitantes deram preferência aos melhores hotéis.



Nesta época o Algarve aparece-nos todo branco, graças à floração das amendoieiras que brotam pelos campos, à beira das estradas e até nalgumas ruas das nossas terras

«flor da amendoieira», convertem o solo algarvio, num expressivo e poético «campo de flores».

Aiamontinos louvados

por serviços de salvamento

DELO Instituto de Socorros a Náufragos foram concedidos diplomas de louvor por serviços de salvamento aos pescadores espanhóis srs. Manuel Reys Jesus, Francisco Celestino Perez Cordero, Manuel Gonzalez Hores e António Rodriguez Martins, todos tripulantes do barco «Ricardin» da praça de Aiamonte por, no dia 29 de Agosto de 1957, terem colaborado no salvamento de um pescador que naufragara nas imediações da barra da Fuseta.

A saúde é a maior riqueza

O «FILHO ÚNICO»

O isolamento em que é criado o «filho único» traz para ele situações desagradáveis e males muitas vezes irremediáveis. Já se verificou que somente 13% dos «filhos únicos» procuram participar das brincadeiras escolares. Essa falta de convívio social do filho pode ser evitada pelos pais, desde que o ponham em contacto com outras crianças que lhe sirvam de companhia.

Evite as más consequências do isolamento do seu «filho único», acostumando-o ao convívio de outras crianças.



por CASIMIRO DE BRITO

Sob o signo da Arte

Se, no dizer de Vincent Van Gogh, «A Arte é o Homem acrescentado à Natureza», não é menos verdade, e até porque essa legenda tem a irradiação que existe nas coisas (definições, obras de arte mesmo, etc.) em estado bruto, digamos, em estado susceptível de ser diversamente interpretado, dizia que, não é menos verdade, que a Arte é uma caminhada para a Razão, esse Campo Futuro que eu vislumbro sob um aspecto inadmissível hoje, época de antibióticos e de bebês de retorta, de satélites artificiais e de pílulas alimentícias. Daqui, daqui é como quem diz porque eu agora não estou positivamente disposto (nem a ocasião é própria — trata-se de uma simples crónica para ser lida entre o pequeno almoço e a caminhada para o escritório) a entrar em especulações sobre a matéria Arte... Por isso, e insistindo no daqui, o achar altura oportuna para dizer que a Arte é, queiram ou não os que vão na corrente, é ou deve ser, um campo de vanguardismo. A Arte é hoje o que será amanhã: dos que a praticam, centenas, milhares, salvam-se os que valerem mesmo — os outros, os que não valem, e os críticos, esses também, que colham agora os louros possíveis: depois que a sua presença decline, acabaram-se... Porque o futuro só dá louros a obras, e obras não são homens: são a libertação desses mesmos homens. Isto é mais velho do que as barbas no homem, todavia apenas é compreendido por poucos, pouquíssimos...

É a altura de eu me curvar e pedir desculpa. Entrei num plano inconveniente. Vinha disposto a escrever, subjugado ao tema SOB O SIGNO DA ARTE, um apontamento sobre a actividade artística que desponta em Faro... e... afinal... desatei a dizer vulgarismos sobre Arte. E o caso é que não estou agora com entusiasmo suficiente para rasgar estes cinco minutos que escrevi. Pois bem, entremos no caminho certo... Faro, atravessa de novo um período propício para as Artes. Estamos acostumados, e dispostos a nos acostumar, a deliciar-nos de vez em quando com uns serões de Arte meritórios. E tem acontecido, isso mesmo. Graças aos poucos entusiastas da Sublimação que ainda existem, e que louvo publicamente sem adjectivos nem nomes, tão pouco: eu sei que os que Valem não precisam de elogios sabendo a falso. Esses são para os jogadores de futebol e para a sua efemeridade...

Mas reparem só nisto, se não repararam ainda: num período de 15 dias, tudo isto: um recital de piano por Pauline Lederer, uma encantadora artista que nos deliciou com as suas interpretações de Schubert, Beethoven, Ravel, Brahms, Chopin, Liszt, Debussy... Dias depois, duas representações de Teatro pelo Grupo de Amadores de Faro, da peça «A muralha» (sobre que me referirei na próxima crónica). E, daqui a dois dias, um Serão de Poesia, no Circulo Cultural do Algarve, onde lerão poemas os Poetas com livros publicados e que residam no Algarve...

Não estamos em presença de um Movimento Artístico notável? Mas há mais, um mais que poucos sabem ainda: Sidónio, o pintor que Faro conhece tão bem, conseguiu finalmente uma Bolsa de Estudo, pelo que deve seguir para Lisboa dentro de dias... E, afinadamente, um grupo de Poetas trabalha para iniciar a publicação, dentro de pouco tempo, aqui em Faro, de uma série de cadernos de Poesia e Crítica que pretende ser o melhor que se conhece. Nem se iniciaria uma coisa deste género... para ser menos boa do que as que já existem...

E há ainda uma peça de Ramada Curto que outro grupo de Amadores ensaia. E há os serões educativos da Aliança Francesa...

É isto Faro artística, a procura de uma justificação.

Circulo Comercial e Industrial de Oihão

COM o simpático intuito de orientar os turistas e fazer a propaganda das belezas da região, foi inaugurado em Oihão o Circulo Industrial e Comercial, iniciativa dos industriais e comerciantes daquela vila. No acto, a que presidiu o Juiz da comarca, sr. dr. Angélico de Carvalho, discursaram os srs. Pedro Martins, José Calé, dr. Francisco Fernandes Lopes, Angélico Sequeira e José Leal Júnior, tendo sido descerrado o retrato deste último numa das salas. O Circulo dispõe de uma biblioteca, de um café privativo e de intérpretes para servirem de guias aos turistas.

Farmácia de Serviço

De hoje até ao próximo sábado, está de serviço a Farmácia Carmo, Rua São João de Brito, telefone 31.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Com sua esposa, esteve alguns dias na sua propriedade, em Castro Marim, o sr. Hugo Celorico Drago, nosso assinante em Lisboa.

Encontra-se em Vila Real de Santo António a sr.ª D. Isabel Centeno Rocha de Sousa Carvalho, esposa do sr. juiz-conselheiro dr. João Bernardino de Sousa Carvalho, nosso assinante na capital.

Vimos nesta vila o sr. Fernando Ferreira Braga, director da firma concessionária das obras da doca de Vila Real de Santo António e nosso assinante em Peniche.

Com pouca demora, esteve nesta vila o nosso amigo e assinante sr. Francisco Medeiros Aleixo, residente em Lisboa.

Depois de uma temporada passada em casa de seus pais, nesta vila, retirou para Lisboa, a fim de retomar a sua actividade comercial, o nosso assinante sr. João Cumbreira Centeno de Sousa.

Acompanhado de sua esposa e filha, regressou de Lisboa o nosso assinante sr. José de Lima, industrial nesta vila.

Esteve alguns dias em Vila Real de Santo António, o sr. Emilio Garcia Ramires, industrial de conservas e nosso assinante em Matosinhos.

Em gozo de férias, seguiu para Queluz, acompanhado de sua esposa, o nosso assinante sr. Manuel Peres Tenório.

Seguiu para Lisboa, acompanhado de seu filho, a fim de embarcar para o Brasil, a sr.ª D. Amélia Glória Nunes Ramalho, esposa do sr. José Ramalho, nosso assinante em Belo Horizonte.

Vimos nesta vila, acompanhado de sua esposa, o sr. dr. Joaquim Vas Palma, nosso assinante em Monchique.

De visita a seus pais, esteve em Castro Marim o sr. Albano José Moreira Parra, residente em Lisboa.

Com pouca demora, esteve nesta vila o nosso amigo e assinante em Oihão, sr. Manuel José Dias.

Encontra-se em Lisboa, o nosso assinante sr. Francisco Ribeiro Alves, chefe-electricista da Central Eléctrica desta vila.

Também se encontra na capital a sr.ª D. Felisbela da Costa Campinas, esposa do nosso assinante e colaborador sr. António Vicente Campinas.

Esteve uns dias nesta vila o nosso assinante na capital, sr. José Alexandre Gomes da Costa.

Encontra-se na Figueira da Foz o sr. Sebastião dos Mártires Rosa, nosso assinante na Aldeia Nova (Vila Real de Santo António).

Presidente do Município de Portimão

Foi reconduzido nas funções de presidente da Câmara Municipal de Portimão o sr. Salvador Gomes Vilarinho, que, tanto na Câmara de Silves, à qual presidiu durante largos anos, como na Câmara de Portimão, cuja presidência lhe está confiada há oito anos, tem realizado uma obra apreciável.

ECONOMIA

Boas perspectivas para a laranja espanhola

Nos mercados externos os citrinos espanhóis têm defrontado este ano a concorrência da laranja da África do Sul, cuja campanha de exportação já terminou; de Israel, laranja bem apresentada e de tipo uniforme; de Chipre e Marrocos, assim como das tangerinas italianas e gregas. Na Alemanha, que é o melhor cliente, conseguiram-se preços de uns 20 marcos por caixa de 30 quilos, peso líquido, para o tipo «navel» e normais para as outras variedades. Em Inglaterra, que é o mercado tradicional, a «navel» alcançou cotações muito aproximadas aos 40 «shillings», as «cadeneras» venderam-se bem e as «clementinas» muito bem. Na Holanda, devido à afluência de laranja de diversas procedências, registou-se uma baixa, o que não impediu que a caixa de «navel» alcançasse um valor aproximado de 20 florins. Na França, Bélgica e países escandinavos a laranja espanhola tem sido bem aceite. Até 10 de Dezembro findo tinham saído 130.000 toneladas de laranjas, tangerinas, limões e toranjas, o que representa mais do triplo do correspondente ao ano anterior.

Segundo estimativa do Sindicato da Laranja, a produção da presente colheita é a seguinte, em toneladas:

Table with 2 columns: Product and Quantity. Includes Tangerinas selectas (18.000), Laranja comum (60.000), Laranja «navel» (192.000), Laranja branca selecta (100.000), Laranja branca comum (130.000), Laranja sanguínea (475.000), Laranja Berna (53.000), Laranja Valência (6.000), Limões (34.000).

Está-se presentemente na segunda fase da colheita e há grande actividade na compra de sanguíneas, cre-se que destinadas a um país para onde não era costume enviá-las e que as recebia através de intermediários. Os comprados percorreram as hortas e fecharam-se negócios, regulando o preço por sete duros a arroba. Obtem melhor cotação a «Washington sangue», com pedúnculo de grande aderência. Também está a gozar de preferência a «Moro Catania» transplantada de Itália, de polpa vermelha e sabor avinhado, de classe excelente. Os italianos têm bom mercado, para esta variedade de laranja, na Europa Central.

Advertisement for Emílio Campos Coroa, Médico Especialista em Doenças dos Olhos. Includes contact info: Rua Filipe Alistão, 27 - FARO, Telefone 475.

Advertisement for VEEDOL, PEÇA SEMPRE VEEDOL, O ÓLEO MAIS AFAMADO DO MUNDO!

Advertisement for 'primeiro poema' by Casimiro de Brito. Includes text: 'quando a poesia vem de braços abertos como não a receber de braços abertos?' and 'nos olhos irrealis saturados de esperanças incontroláveis senti nascer-me a poesia'.

Advertisement for Sociedade Oceanica do Sul, S. A. R. L. in Lisboa. Lists products like Skandia, Kamper, Atlas Imperial, Simrad, Sundry, Assman, and Eureka.

O Ensino no Algarve

É inaugurada hoje a escola técnica de Loulé

Embora já tenha começado a funcionar em instalações provisórias, é hoje inaugurada oficialmente a Escola Comercial e Industrial de Loulé, com a presença dos srs. governador civil e director geral do Ensino Técnico.

Escolas técnicas

Estão vagos os seguintes lugares do quadro do pessoal docente do ensino profissional industrial e comercial: Escola Industrial e Comercial de Faro: Professores efectivos: 2.º grupo, 1; 5.º grupo, 2 (sendo 1 feminino) e 11.º grupo, 1; professores adjuntos: 5.º grupo, 2 (sendo 1 feminino); 8.º grupo, 1 e 11.º grupo, 2 (sendo 1 feminino); mestres de electricidade, 1. Escola Industrial e Comercial de Lagos: Professores adjuntos: 5.º grupo, 1 (feminino); 6.º grupo, 1; 8.º grupo, 1 (feminino) e 11.º grupo, 1; professores contratados: Educação Física, 1; mestres: Serralharia, 1. Escola Industrial e Comercial de Loulé: Professores efectivos: 1.º grupo, 1; professores adjuntos: 5.º, 8.º e 11.º grupos, 1 cada; mestres: Trabalhos manuais, 1. Escola Industrial e Comercial de Silves: Professores efectivos: 5.º e 9.º grupos, 1 cada; professores adjuntos: 2.º grupo, 1; 5.º grupo, 2 (sendo 1 feminino); 6.º e 8.º grupos, 1 cada (feminino) e 11.º grupo, 1; mestres: Serralharia, 1.

Preço da cortiça

De um colega do país vizinho transcrevemos a seguinte local: «O principal elemento que afecta as nossas vendas de cortiça no exterior é o factor preço, pois reduzindo-se o consumo pelo emprego de outros materiais, o nosso competidor mais importante, Portugal, oferece cotações inferiores às espanholas, a fim de colocar as suas manufacturas».

Folha de flandres

Subiu a 34.953 toneladas, no valor de 281.349 contos a folha importada de Janeiro a Novembro do ano passado. O principal fornecedor foi a França, com 19.159 toneladas, no montante de 129.235 contos.

Aumento de consumo de cerveja

Nos últimos tempos registou-se em França uma diminuição de 15% no consumo do vinho. O facto não inquieta os produtores, que o filiam na circunstância de, quando dos aumentos de preço, os consumidores terem constituido reservas familiares que não tardarão a serem esgotadas. O que é certo é que alguns abandonaram o vinho para o substituírem pela cerveja, cuja produção está a aumentar constantemente. A venda de cerveja, no decurso dos 10 primeiros meses de 1957, atingiu 12,7 milhões de hectolitros, contra 10,9 durante o mesmo período em 1956. Nitido progresso das fábricas de cerveja da Meuse e da Alsácia; nesta região, as fábricas estão muito melhor equipadas agora que as de Munique. Perto de Nancy, as Brasseries de Champigneulle aumentam a sua capacidade de produção de 50%.

Diversas

Do 1.º de Outubro de 1957 a 19 de Janeiro findo, entraram em França, 46 toneladas de toranjas provenientes de Moçambique. No mercado italiano está a verificar-se uma reanimação das vendas de atum, especialmente do produto de baixo preço. Ao mesmo tempo as conservas do consórcio espanhol, apesar do seu preço relativamente elevado, registaram um maior volume de vendas. 67.281 toneladas de adubos, no valor de 96.672 contos importamos no ano de 1956, tendo saído no mesmo ano 679.485 hectolitros de vinho.

ARMADORES da pesca da sardinha

O conselho-geral do Grémio dos Armadores da Pesca da Sardinha aprovou o relatório e contas do ano findo e apreciou diversos problemas relativos à indústria da pesca da sardinha, tendo enviado um telegrama de agradecimento ao sr. ministro da Marinha pela publicação do decreto n.º 41.451.

ESTABELECIMENTO

Bom emprego de capital. Por motivo de retirada, trespassa-se o bem conhecido Café-Restaurante «As Caves do Guadiana», Vila Real de Santo António. Informa: VICENTE RODRIGUEZ — Vila Real de Santo António

Advertisement for SIMRAD-Mestre sonda de visão panorâmica. Includes image of the device and text: 'A MAIS PRÁTICA E MAIS ECONÓMICA COMPLETAMENTE ESTANQUE ASSISTÊNCIA TÉCNICA GARANTIDA SOCIEDADE OCEÂNICA DO SUL, S. A. R. L. — AGENTES EM TODO O ALGARVE —'

Só para miúdos

Envie 10\$00 em selos de correio (Portugal e Ultramar) e receberá um lindo CINEMA em FOLHA, e 200 filmes. Pedidos ao representante: CASA BRASIL — TAVIRA. Não envio à cobrança.

Large advertisement for Fábrica Mecânica de Cordoaria, Casa Fundada em 1834. Lists products: MANILA - SISAL - CAIRO, LINHO - ALGODÃO, MALHETAS-FIOS PARA REDES, FIO DE CEIFEIRA-ATADEIRA. Contact info: Endereço Telegráfico: CORDOARIA, TELEFONE 023034, BARREIRO

MOVIMENTO PORTUÁRIO

de 30 de Janeiro a 5 de Fevereiro ENTRADOS: Portugueses «Maria Christina», de 549 ton., «Mira Terra», de 562 ton. e «Zé Manel», de 926 ton., todos de Lisboa, vazios. SAÍDOS: «Zé Manel», com minério, para Lisboa; «Shell Onze», vazio, para Lisboa; «Maria Christina» e «Mira Terra», com minério, para Lisboa.

O CINE-CLUBE de Vila Real de Santo António

vai festejar o seu 3.º aniversário O CINE-CLUBE de Vila Real de Santo António comemora em Março o 3.º ano de existência e começa naquele mês, como noticiámos, a proporcionar aos associados, sem qualquer aumento de cota, duas sessões de cinema em vez da sessão mensal que anteriormente lhes oferecia. Além desta regalia, de cuja importância todos se darão conta, terão os sócios o desconto de 1\$00 por bilhete, na primeira ou segunda plateia do Cine-Foz, nas sessões normais deste cinema, de 20 e 25 de Fevereiro, em que são exibidos os excelentes filmes «O Ferrovário» e «O Conto do Vigário», recomendados pelo nosso Clube de Cinema. Por estar prestes a ser festejado o 3.º ano de actividade, a direcção do Cine-Clube aceita novas inscrições de sócios, sem pagamento de joia, apenas até ao dia 28 próximo. Aos novos inscritos somente será cobrada a cota respeitante a Janeiro.

Advertisement for Cine-Foz. Includes text: 'TERÇA-FEIRA, em vista-vision, Ela amou um bruto, com William Holden e Deborah Kerr. (Para 17 anos). SEXTA-FEIRA, Dueto de fogo, em vista-vision, com Burt Lancaster e Kirk Douglas. (Para 17 anos). BREVEEMENTE, o sensacional filme francês O ferroviário.'

CARNAVAL em Moncarapacho

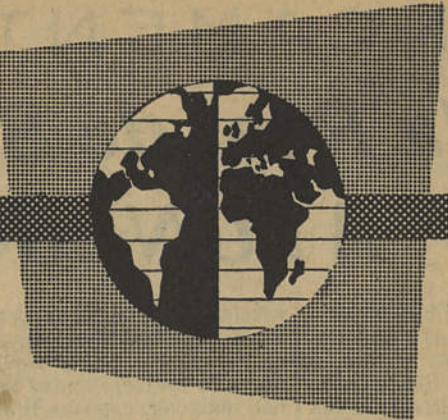
Também a ridente povoação de Moncarapacho efectua este ano animados festejos carnavalescos, nos dias 16 e 18 de Fevereiro, cuja receita reverte a favor da Santa Casa da Misericórdia da sede do concelho. Do programa constam, entre outras atracções, batalhas de flores nos dias referidos, com prémios para os carros melhor ornamentados, e concursos de «estudantinas» e ranchos folclóricos.

IMPRENSA

Jornal de Lagos — Entrou no 32.º ano de publicação este nosso prezado colega da cidade barlaventina de cujos interesses é um entusiástico defensor. Desejamos-lhe prosperidades e cumprimentamos o seu director sr. Jaques d'Oliveira Neves.

BARDAHL

PANORÂMICA



COM A COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS CULTURAIS DA SHELL PORTUGUESA

A SHELL PORTUGUESA COMO ELEMENTO CONSUMIDOR NO MERCADO NACIONAL

UMA das facetas construtivas que caracterizam as actividades das grandes empresas é a sua contribuição para o desenvolvimento de outras empresas e fomento de outras actividades.

Há uma tendência simplista para fixar a actuação de uma grande empresa sob o puro aspecto do lucro, insistindo-se naquilo que ganha ou nos dividendos que distribui. Perde-se assim de vista, ou melhor subestima-se injustamente, o papel que uma grande empresa representa como criadora de riqueza, no sentido de estimular, manter e animar — através de uma colaboração assídua, constituída por encomendas e aquisições — a existência e os progressos de dezenas de firmas que trabalham igualmente no plano nacional.

Essa colaboração, traduzida por preferência pelos produtos portugueses ou pela utilização de intermediários portugueses na aquisição de produtos estrangeiros, reveste-se de uma importância que convém salientar pelo seu significado e alcance.

De facto, uma empresa como a Shell Portuguesa utiliza nas diversas fases da sua actividade mil e um artigos ou produtos, que vão desde simples alfinetes a navios-tanques, desde carimbos a vastos depósitos para armazenamento de gasolina e óleos. Esses artigos ou produtos são, sempre que possível, adquiridos no mercado nacional, e constituem uma contribuição constante da Organização Shell para que outras empresas portuguesas se mantenham, se desenvolvam e prosperem.

Assim, na mesma forma como presta serviços, pelos quais evidentemente é compensada, dá oportunidade a que lhe prestem serviços, os quais compensa também. Essa reciprocidade que constitui, afinal, a essência da lei económica, é um motivo permanente de satisfação para a Shell Portuguesa pela possibilidade que lhe proporciona de se integrar, como importante elemento consumidor, no mercado português.

Na realidade, através de uma rede de cerca de 500 fornecedores dos mais variados ramos do comércio, e da indústria, a Organização Shell pagou, em 1956, pelos materiais e equipamentos adquiridos a firmas portuguesas, a importante quantia de 20.500 contos.

Se salientarmos, por exemplo, as importâncias pagas pela Shell, naquele ano, às empresas de transporte nacionais, em troca de prestação de serviços, verifica-se que a Companhia Portuguesa de Caminhos de Ferro recebeu 2.800 contos; os Transportes Aéreos Portugueses, 300 contos; várias empresas de navegação, 5.000 contos; e camionistas diversos, 7.700 contos;

o que, tudo somado, representa 15.800 contos requeridos para a movimentação dos seus produtos e empregados.

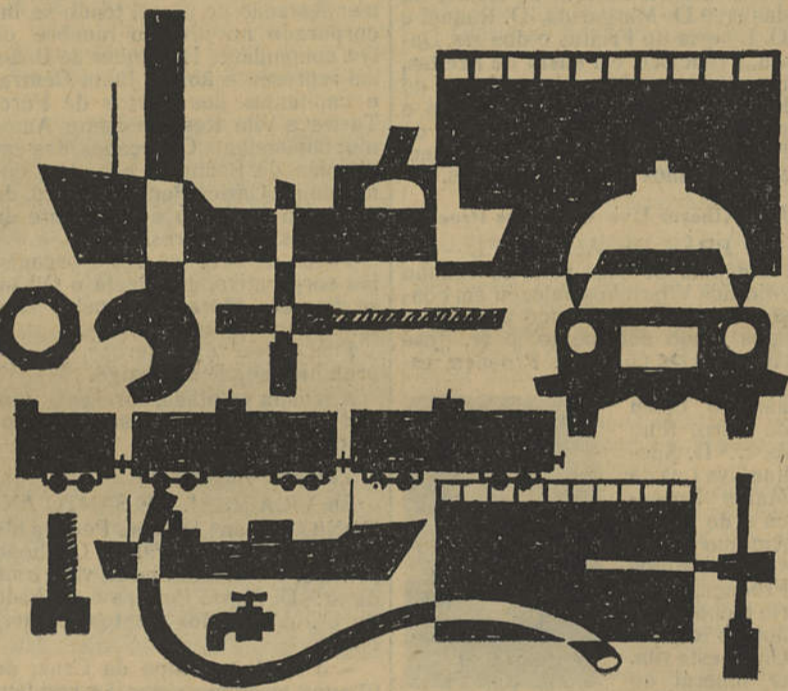
Assim, em 1956, só em transportes, equipamento e materiais, etc. dispendeu 36.300 contos, pagos integralmente a firmas portuguesas, o que corresponde a uma média diária de mais de 100 contos.

Estes números são suficientemente eloquentes para traduzirem toda a amplitude do papel que a Shell Portuguesa representa, como consumidora, no mercado nacional.

Ainda recentemente, o sr. ministro da Presidência, prof. dr. Marcelo Caetano, pôs em destaque, na brilhante oração que pronunciou na sessão inaugural do Congresso das Indústrias, a necessidade cada vez mais premente de se preferirem os produtos portugueses aos produtos estrangeiros tanto mais, que na

comenda de dois navios-tanques destinados aos serviços da Shell na Indonésia.

Acrescentamos, por outro lado, ao papel que a Shell Portuguesa representa como entidade consumidora aquele que desempenha como fomentadora de empregos e como dispensadora de benefícios sociais, que se estendem desde as regalias que proporciona aos seus empregados até às contribuições que subscreve para as obras de caridade. Registamos ainda a sua acção cultural, quer através da sua Escola de Trânsito e da sua Cinemateca, quer da sua Editorial, das suas revistas e dos seus conferencistas. E ainda a sua actuação no campo da Agricultura, publicando mensalmente um Boletim Agrícola e organizando concursos de tractoristas. Por tudo isto, há que reconhecer nas actividades da Shell



maioria dos casos se equiparam.

Nobilíssimo e oportuno ponto de vista, que está na base do desenvolvimento e do triunfo da indústria nacional, e que a Shell vem a adoptar desde há muito. Assim, no campo da construção naval, tem encomendado a estaleiros nacionais os barcos costeiros de que necessita. Fe-lo com o «Shell Novo», actualmente em serviço de abastecimento de combustíveis líquidos aos navios que escalam S. Vicente de Cabo Verde. Fe-lo com o «Shell Tagus», em vias de acabamento, que equipado com todos os requisitos modernos e deslocando 1.245 toneladas, será utilizado no transporte de combustíveis nas águas de Portugal. Com estes dois navios, construídos em estaleiros nacionais, dispenderam-se já 22.000 contos.

Inclusivamente, é tal a confiança que lhe merecem os estaleiros nacionais que se deve à recomendação da Shell Portuguesa o facto de o Grupo Royal Dutch/Shell lhes haver confiado, ultimamente, a en-

um sentido mais amplo, mais elevado, do que puramente o de vender, embora sem esta actividade todas as outras não existissem por falta de fundos indispensáveis.

Neste triângulo (venda-compra-actividades culturais, sociais e benéficas) espelha-se um lisonjeiro fenómeno de compensação, de retribuição, de colaboração, em que o interesse particular se ajusta perfeitamente, harmonicamente, ao interesse nacional. E isso é motivo de orgulho não só para os administradores da Shell Portuguesa como para todo o seu pessoal.

ANEDOTAS

História de «gangsters» — Dois «gangsters» entram num bar de Chicago, de metralhadora em punho, e matam sucessivamente o homem do bar, o dono da casa e seis clientes, ou seja todos quantos lá estavam. Então, um deles diz: — Agora vou escrever na vitrina: «Da parte de Al Capone II».

— Não te canse! — responde o outro — Engandamo-nos no bar! Não era este!

História de prisão — Dois gatuños, pouco amigos de conversar, encontram-se encerrados há uma semana numa cela sem trocar palavra. Até que um deles pergunta: «Porque estás preso?». Resposta do outro: «Porque roubei uma vaca».

Passam-se uns oito dias e é a vez de o segundo perguntar ao primeiro: «E tu». Resposta: «Porque roubei um relógio».

Mais oito dias decorrem e o primeiro inquirir do segundo: «Que horas são?». Resposta: «São horas de estares calado!».

História de porteiro — Um porteiro ganha muitíssimo bem e leva, por isso, vida de rico. Um dos seus amigos pergunta-lhe: «Como consegues ganhar tanto dinheiro?». — «Com as gorjetas!» — «O quê?». — «Claro! Sou porteiro de um instituto de beleza. E é muito simples: Quando chega uma cliente, digo: «Bons-dias, minha senhora!» e quando ela parte: «Até à vista, menina!».

Indicações sobre adubação dos cereais de pragana

pelo engenheiro-agrônomo MANUEL VIANNA E SILVA, da Estação Agronómica Nacional

(Transcrito do «Boletim Agrícola», publicação mensal da Shell Portuguesa)

TODAS as plantas retiram do meio em que vivem quantidades apreciáveis de elementos minerais de que os mais importantes são o azoto, o fósforo e o potássio.

Claro que nem todas têm as mesmas exigências nutritivas, sendo tal facto um dos motivos por que há necessidade de se estudarem fórmulas de adubação que se ajustem às necessidades das diferentes culturas.

O trigo, o centeio, a cevada, a aveia, o milho e a batata, para não falarmos já de tantas outras plantas imprescindíveis na alimentação do homem e dos animais, apresentam exigências nutritivas muito diferentes.

Para se fazer uma ideia do que dizemos, referem-se no quadro seguinte, as quantidades totais de azoto, fósforo e potássio extraídas ao solo por estas culturas, por hectare e por ano, para satisfazerem determinadas produções médias que também se mencionam:

A estas percentagens de elementos, perdidas pelo solo todos os anos em benefício das culturas, vêm ainda a juntar-se outras perdas, como as que se verificam por insolubilizações, por arrastamento para as camadas mais profundas, fora do alcance das raízes das plantas, por acção da erosão, pela concorrência de ervas daninhas, etc.

É evidente que, por mais rica e fértil que seja uma terra, se não lhe restituirmos todos os anos os elementos nutritivos que ela perde, em pouco tempo se encontrará empobrecida e naturalmente mais depauperada naqueles nutrientes que em maior percentagem são assimilados pelas plantas cultivadas.

A utilização racional dos adubos é a forma mais prática, rápida e económica de enriquecer o solo esgotado por sucessivas culturas e de aumentar assim a sua capacidade produtiva. Os seus efeitos são ainda mais expressivos quando se lhes podem associar os benefícios dos estrumes.

Condicionado pela natureza do solo, pelas condições climáticas, pelas diferentes culturas e seu valor económico, etc., o emprego de adubos tem permitido obter colheitas notáveis, mesmo em terras consideradas pobres, contribuindo assim dum forma decisiva para o equilíbrio mundial da alimentação humana.

Sem adubos há muito que o espectro terrível da fome pairaria sobre o mundo inteiro.

As fórmulas de adubação que vamos aconselhar destinam-se a solos de fertilidade média, normalmente constituídos e com valores e pH favoráveis às culturas indicadas. Em bons terrenos devem, empregar-se as maiores doses apontadas; pelo contrário em terras fracas devem aplicar-se as menores.

Para maior clareza, referir-nos-emos, nestas fórmulas, aos adubos mais conhecidos e de maior vulgaridade no nosso País, o que não quer dizer que em determinadas circunstâncias não possam ser substitu-

tuídos por outros com maiores vantagens.

Assim, por exemplo, sempre que o pH do solo se traduza por excessiva acidez, desfavorável à vida das plantas e consequentemente à obtenção de boas colheitas, deve proceder-se à sua correcção pelo emprego de calagens moderadas e fazer-se uso de adubos alcalinizantes como a cianamida cálcica, o fosfato Thomas, os nitroamoniais com cal (ex. o Nitrocalciamon), o nitrato de cálcio, etc.

O trigo é um dos cereais mais exigentes em princípios nutritivos. As suas necessidades alimentares são maiores na fase que vai do afloramento à floração e, por isso, este cereal deve encontrar, no período primaveril, sob uma forma assimilável a maior parte dos adubos. Esta condição é satisfeita pela seguinte fórmula:

Adubação de fundo (antes da sementeira: Sulfato de Amónio, 100 a 250 kg./ha.; Superfosfato 18%, 300 a 450 kg./ha.; Cloreto ou Sulfato de Potássio, 100 a 150 kg./ha.

Adubação de cobertura (no Inverno): Nitrato de Cálcio, Nitrocalciamon ou qualquer outro nitrocoamonial, 150 kg./ha.

Quer o nitrato de cálcio quer os nitrato-amoniais deverão ser aplicados por duas vezes, conforme as necessidades da seara, até à quantidade total referida; em geral a sua distribuição faz-se no princípio de Fevereiro e no princípio de Março.

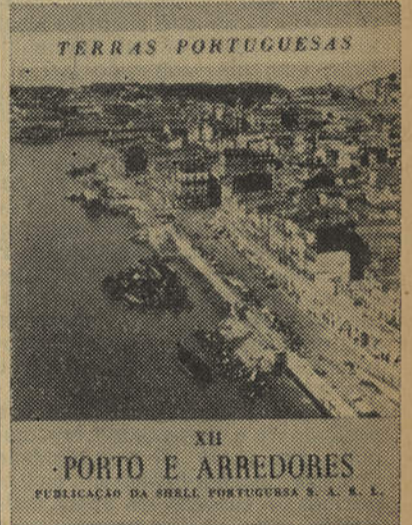
Quando a cultura de trigo se segue à de uma leguminosa é de toda a conveniência reduzir as doses de azoto na adubação de fundo e aumentar as de fósforo.

Nas culturas do centeio, da aveia e da cevada pode empregar-se o mesmo tipo de adubação variando, é claro as quantidades de adubo de acordo com as exigências da cultura que se pretende realizar e o seu valor económico.

PORTO E ARREDORES na colecção «TERRAS PORTUGUESAS»

É DEDICADO ao Porto e arredores o XII folheto da colecção «Terras Portuguesas» que a Shell tem vindo a editar e a distribuir gratuitamente, prestando assim relevante serviço ao turismo nacional.

Ilustrado com óptimas fotografias, constitui este folheto um excelente guia quer para o turista quer para



todo o português que deseje conhecer melhor a importante e atraente cidade em que reside.

Na realidade, à parte um elucidativo mapa indicando os locais históricos e turísticos, o folheto agora publicado insere um texto devido à autorizada pena do sr. dr. Artur de Magalhães Bastos focando o aspecto panorâmico, a História, os monumentos, os museus e a parte moderna da Cidade Invicta.

Por outro lado, menciona os passeios de interesse turístico, nos arredores do Porto, e sugere excursões às cidades e vilas mais próximas.

Tornar-se-ia difícil indicar maior número de informações num livrinho tão manuseável, que se transporta na bolsa ou no porta-luvas do automóvel.

Assim, «Porto e Arredores» mantém, em alto nível, a continuidade de uma utilíssima colecção que já nos deu bem documentados folhetos sobre o Ribatejo, Algarve, Estremadura, Dour, Alentejo, Beira Alta, Beira Litoral, Beira Baixa, Minho, Trás-os-Montes e Lisboa e arredores.

JORNAL DO ALGARVE lê-se em todo o Algarve.

UMA FÁBRICA DE BORRACHA SINTÉTICA VAI SER CONSTRUÍDA PELA SHELL NA HOLANDA

A SHELL Pernis Chemische Fabrieken N. V. vai construir em Pernis (Roterdão) uma fábrica de borracha sintética com a capacidade anual de 50.000 toneladas.

A decisão de construir a fábrica foi tomada após prolongados estudos quanto às necessidades futuras de borracha e à sua satisfação.

As possibilidades de abastecimento de borracha natural estão já hoje consideravelmente àquém das necessidades mundiais de borracha, e não se espera que aquela origem possa vir a satisfazer as sempre crescentes necessidades futuras.

A Shell Pernis Chemische Fabrieken transformou-se desde a última guerra, num centro muito importante de produção química. O local da

nova fábrica foi escolhido pelas vantagens que oferece quanto a acesso de navios e de matérias primas.

SUGESTÕES ÚTEIS

Para tirar nódoas de baton, ensope um pedaço de algodão em óleo de eucalipto e esfregue suavemente.

Para os mármoreos ficarem limpos e brilhantes passe-os com leite.

Para tirar nódoas de caril, utilize um trapo embebido em óleo de eucalipto. Esfregue primeiro suavemente e, se a mancha for renitente, esfregue então com energia.

Use leite em vez de água para fazer massa folhada e verá como não amolece tão depressa.

Para obter batatas fritas mais torradas enquanto se fritam, tire-as para fora, reaqueça a gordura até fumegar e torne a colocar as batatas na frigideira.



Vestido muito prático para usar no colégio, confeccionado em escocês. Um grupo de pregas parte de cada aligeira da saia, e o corpo, com duas aligeiras também, forma um blusão. A gravata feita em tafetá no tom mais escuro do escocês, imprime no vestido uma nota graciosa.

120 CONTOS em cada cinco minutos

FORAM recentemente divulgados alguns dados estatísticos acerca do nível de investimentos na indústria petrolífera mundial. Entre as cifras mencionadas, houve algumas que se destacam como as referentes aos investimentos realizados por companhias petrolíferas americanas, durante o quinquénio 1951/1955, os quais atingiram 24.000 milhões de dólares.

Este total corresponde a uma despesa média superior a 13 milhões de dólares, por dia, ou seja, cerca de 400.000 contos. Assim, e ainda segundo estes cálculos, a indústria petrolífera americana terá dispendido o equivalente a 120.000\$00 em cada cinco minutos.

Entre 1946 e 1955, a indústria petrolífera ocidental dispendeu 52.355 milhões de dólares, sem contar os investimentos relativos a navios-tanques e instalações portuárias. Daquela soma, 75% foram investidos nos Estados Unidos, 6% na Venezuela, 5,1/2% no Canadá, 5,1/2% na Europa Ocidental e cerca de 4,1/2% no Médio Oriente.

O LANÇAMENTO À ÁGUA em Vila Real de Santo António DO ATUNEIRO "NUNO"

NETO de um velho «lobo do mar», tendo nascido à beira do Guadiana, ganhámos, desde catraio, o hábito, ou antes, fomos desde então presa da admiração pelo rio, na sua placidez e nas suas raras fúrias. A mutação constante de aspectos, o movimento do rio, cruzado constantemente por pequenas lanchas de pescadores, galeões, traineiras, navios de carga de apreciável tonelagem — expressão de vida intensa que prende e encanta — faz-nos sonhar com lindas viagens em «mar de rosas», faz-nos tremer ao evocar ondas temerosas, que arrastam e afundam barcos e vidas! Estes fenómenos opostos não nos afastam, antes nos prendem numa admiração, misto de amor e temor, ao eterno mistério das águas do mar!

Sentindo, pensando assim, um «bota fora» é, para nós, espectáculo que não dispensamos viver.

A notícia do lançamento à água do atuneiro «Nuno», cujas características são: comprimento total, 25,80 metros; comprimento de sinal, 21,52; boca, 5,60; pontal, 2,60, equipado com um motor de 250 HP e com frigoríficos — levou-nos na quarta-feira, a caminho da foz do Guadiana.

Não podemos perdoar-nos de só agora tomar conhecimento do desenvolvimento que, em Vila Real de Santo António, a indústria de construção naval tomou ultimamente. E que belas embarcações saem dos nossos estaleiros, que ocupam apreciável área, e que competentes mestres temos para executar rigorosamente os «riscos» técnicos, e que esmero de acabamentos!

Chegámos quando tudo estava a postos para o interessante espectáculo. Em torno da bela unidade atuneira alçandoravam-se muitas pessoas procurando um posto mais cimeiro para melhor apreciarem a cerimónia. Não sabemos como, evocámos os muitos milhares de mães e de virgens que acorriam, em passados tempos, à Ribeira das Naus, olhando as monstruosas naus e ca-

ravelas, embreadas, negras, misteriosas, que iam levar longe o nome de Portugal e trazer riquezas, mas que lhes levavam tantas vezes, para não mais ver, esposos, filhos, namorados!

Aqui estamos neste acto — por que não dizê-lo? — um tanto ou quanto enervados, emocionados. Tudo a postos! Já da proa do «Nuno» pende a clássica garrafa de champagne. No estrado estão presentes, além das entidades oficiais e outros convidados, os srs engs. Bustorff-Silva, Santos Mendonça, Alberto Vilaça, Rosado Pereira e Nicolau Amaral; comandantes Melo Breynier, ajudante do sr. ministro da Defesa, e Cabeçadas, capitão dos portos de Portimão e Lagos; major Silva Pais; tenente Cardoso Lopes; e os directores da empresa armadora, srs. majores Pedro de Almeida e Jorge da Fonseca, dr. Jorge Luis da Fonseca e capitão Leite Faria, com sua esposa; etc.

Surge agora, paramentado litúrgicamente, o rev. Galhardo. Um repentino silêncio marca a solenidade do momento! A voz do reverendo eleva-se, iniciando a bênção: *Bene-*

dic, Domine, navem istam dextera tua sancta et omnes qui in ea vehentur...

Uma ordem breve do mestre construtor António Pena e o menino Nuno do Espírito Santo Leite Faria quebra a garrafa de champagne. Seguidamente, a airosa nave desliza suavemente para o Guadiana. Há palmas e vivas e o «Nuno», todo embandeirado, cai, quase pousa, nas águas ondulantes, como um cisne branco. Que Deus te proteja! Em breve e em boa hora chegarás a Cabo Verde, encantador grupo de virentes ilhas, ante as quais, António Nola e Diogo Gomes, em 1460, ficaram em êxtase, rendendo graças a Deus e sentindo os corações gritar: Portugal! Portugal!

Depois da cerimónia, houve, na esplanada de Santo António, um lanche oferecido pela firma armadora, Companhia de Pesca e Congelamento de Cabo Verde, Lda., aos numerosos convidados, durante o qual usaram da palavra os srs. major Jorge da Fonseca e rev. Galhardo.

Álvaro Guerreiro

ATUM

Sardinha, Anchovas, Cavala, etc.

nas acreditadas marcas de

PILOTOS & CAPA

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Representações ou Agências para Vila Real S. António

Accepta guarda-livros de importante empresa industrial.

Resposta a este jornal ao n.º 20.

NITRATO DE CAL

GRANULADO COM 15,5% DE AZOTO NÍTRICO

SULFATO DE AMÓNIO, NITRAMONCAL, FOSFATO TOMAZ, CIANAMIDA CÁLCICA; SUPERFOSFATOS, ADUBOS ORGÂNICOS — TIPO «PURGUEIRA» SULFATO DE COBRE — nacional e inglês

Pedidos à Sociedade Importadora

Estabelecimentos de Importação

Ernesto F. de Oliveira, S. A. R. L.

LISBOA

PORTO

R. dos Sapateiros, 15-1.º, Dto.

R. Mouzinho da Silveira, 195-1.º

Telefone 22478

Telefone 22031

NECROLOGIA

D. Ana de Bivar Cúmano

De Lisboa para o cemitério de Faro, realizou-se o funeral da sr.ª D. Ana de Bivar Cúmano, de 89 anos, viúva do grande benemérito Constantino Cúmano, mãe dos srs. dr. Constantino de Bivar Cúmano, residente em Sevilha; eng. Rui de Bivar Cúmano, director do Porto de Leixões; dr. Henrique de Bivar Cúmano, já falecido, sogra das sr.ªs D. Maria Antónia Cúmano, dr.ª Lucília de Paiva Simões Cúmano e D. Berta da Silveira Borges Cúmano, tia da sr.ª D. Maria Luísa Cúmano de Bivar Weinholtz Sampaio e Melo e do sr. Raúl Cúmano de Bivar Weinholtz, vice-presidente da Câmara Municipal de Faro, e tia, por afinidade, das sr.ªs D. Laura Brito de Bivar Weinholtz, D. Maria Luísa Bairrão de Bivar Weinholtz e D. Maria Filomena Leal de Bivar Weinholtz.

D. Alexandrina dos Reis de Freitas

Faleceu em Lisboa a sr.ª D. Alexandrina dos Reis de Freitas, de 80 anos, solteira, natural de Loulé, tia das sr.ªs D. Margarida, D. Raquel e D. Liberta de Freitas e dos srs. David, Francisco e Fausto de Freitas, tia-avó do artista pintor Lima de Freitas, presentemente em Paris e prima dos srs. Luciano e Pedro de Freitas, nosso colaborador, a quem apresentamos sentidos pêsames.

José Alberto Uva de Matos Proença

S. BRÁS DE ALPORTEL — Na residência de seus pais, no vizinho sítio dos Vilarinhos, faleceu em consequência de um trágico acidente e após longo sofrimento, o sr. José Alberto Uva de Matos Proença, estudante do 7.º ano do Liceu de Faro, filho da sr.ª D. Adelina Uva Luz de Matos Proença e do sr. dr. António Esteves de Matos Proença, notário e conservador do Registo Civil nesta vila. O funeral do saudoso extinto, que devido à grande bondade e excelsas virtudes que exorçavam o seu carácter, era pessoa muito estimada e deixa muitas saudades entre os seus camaradas e pessoas do seu convívio e amizade, constituiu uma impressionante manifestação de pesar. O comércio fechou as suas portas e no préstito fúnebre incorporaram-se centenas de pessoas de todas as categorias sociais.

A família enlutada, especialmente ao nosso assinante sr. dr. Matos Proença, apresenta *Jornal do Algarve* a expressão dos seus sentidos pêsames.

D. Teresa A. Mascarenhas Gomes

ALGOZ — Após prolongado sofrimento, faleceu nesta localidade onde

residia e de onde era natural, a sr.ª D. Teresa Amália Mascarenhas Gomes, de 85 anos, abastada proprietária, viúva do também abastado proprietário António Cabrita Gomes. A saudosa extinta, que descendia de uma das famílias mais destacadas desta região, era, pelos seus dotes de coração e fino trato, bastante querida por todos, especialmente os pobres, que perdem assim, a sua melhor protectora. O seu funeral, que constituiu uma profunda manifestação de pesar e foi muito concorrido, nele se incorporando muitas pessoas de todas as categorias sociais, algumas vindas de bem longe, realizou-se para jazigo de família no cemitério local.

Jornal do Algarve apresenta à família enlutada, a expressão do seu pesar.

OLHÃO — Faleceu nesta vila, o sr. Francisco Amaro dos Santos, de 84 anos, daqui natural, casado com a sr.ª D. Emília da Cruz Santos, tesoureiro da Casa dos Pescadores local.

O funeral constituiu uma grande manifestação de pesar, tendo-se incorporado no préstito fúnebre os srs. comandante Henriques de Brito, em representação da Junta Central e capitães dos Portos de Faro, Tavira e Vila Real de Santo António; comandante Cabeçadas, das capitães de Portimão e Lagos; comandante Carlos Pacheco Pinto, da capitania de Olhão e presidente da Casa dos Pescadores.

Todas as secções deste organismo corporativo, da Fuzeta e Olhão, se fizeram representar pelos seus funcionários.

Fizeram-se vários turnos, sendo a urna depositada em jazigo.

A família enlutada, apresenta *Jornal do Algarve* as suas condolências.

Também faleceram:

Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — a sr.ª D. Elisa Pereira, de 66 anos, viúva, natural de Cachopo (Tavira) e residente nesta vila, irmã da sr.ª D. Maria Pereira e cunhada do sr. Abílio dos Santos, comerciante.

— o sr. João Filipe da Cruz, de 67 anos, marítimo, natural e residente nesta vila, casado com a sr.ª D. Maria da Assunção Cardoso e pai dos srs. Luís, João e Manuel Cardoso da Cruz e das sr.ªs D. Adelina, D. Leopoldina e D. Maria de Lurdes Cardoso da Cruz.

Funeral a cargo da Agência Viegas.

Em LAGOS — a sr.ª dr.ª Maria Costa Marreiros da Gama Vieira, que exerceu o cargo de conservador do Registo Civil em Vila do Bispo. Era casada com o sr. dr. Abel Augusto da Gama Vieira, notário no Porto.

Em LISBOA — o sr. Manuel Francisco Martinheira, de 82 anos, viúvo, natural de Loulé.

— o sr. José dos Santos Tomás, de 75 anos, natural de Faro, pai do sr. José Tomás.

— o sr. Manuel Nobre, de 82 anos, natural de Martinlongo (Alcoutim),

Funcionalismo público

Nomeações

O sr. dr. José Pais Ribeiro, delegado de Saúde, de Faro, foi nomeado, em comissão de serviço, director do quadro do Hospital-Colónia Rovisco Pais.

— Para o lugar de ajudante do posto do Registo Civil de Cachopo (Tavira), foi nomeado o sr. José Faustino.

— Foi nomeado, a título provisório, carteiro provincial para prestar serviço na estação dos C. T. T. de Albufeira, o sr. José de Oliveira Barros Azevedo.

Colocações e transferências

O chefe da secretaria da Câmara Municipal de Albufeira, sr. Jacinto de Assunção Pinto, foi colocado, mediante concurso de provimento, em idêntico lugar da Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço.

— O sr. engenheiro Jorge Carlos Rodrigues Júlio Mestre, em serviço na Junta Autónoma dos Portos de Sotavento do Algarve, foi transferido, a seu pedido, para a Junta Central dos Portos.

— Foi transferido, a seu pedido, da estação dos C. T. T. de Grândola para a de Faro, o carteiro provincial de 2.ª classe, sr. Alberto Gomes Martins.

Concursos

Estão abertos concursos para o provimento de um lugar de aspirante do quadro privativo da Câmara Municipal de Silves, e de uma vaga de piloto na corporação de pilotos da barra de Portimão.

CRIADA

Precisa-se para servir em Lisboa, em casa de casal. Para todo o serviço, incluindo cozinha.

Tratar na Rua Camilo Castelo Branco, 24 — Vila Real de Santo António.

Journal do Algarve

está à venda nos seguintes locais:

Vila Real de Santo António — Havaneza, R. Teófilo Braga.

Olhão — Tabacaria Moderna, Avenida da República, 46.

Silves — Livraria e Papelaria Serrano, Rua João de Deus.

casado com a sr.ª D. Teresa Maria e pai da sr.ª D. Herminia Nobre e dos srs. Alfredo e Germano Nobre.

— o sr. Henrique Álvaro de Lima, de 59 anos, natural de Silves, caixeiro-viajante, casado com a sr.ª D. Clotilde Dias Ribeiro de Lima.

— o sr. José da Silva, de 45 anos, natural de Lagos, casado com a sr.ª D. Herminia Monteiro Leal e pai da sr.ª D. Maria Gisela Leal da Silva.

— o sr. Jeremias Peixinho, de 50 anos, natural de Portimão, casado com a sr.ª D. Augusta da Silva Santos, pai das meninas Isabel Maria, Ana Maria e Maria Alice dos Santos Peixinho e dos meninos Jeremias, Luís, António e João Manuel dos Santos Peixinho.

— o sr. Lourenço António Ferreira, de 85 anos, natural de Lagoa, casado com a sr.ª D. Beatriz da Conceição Canelas Ferreira

As famílias enlutadas apresentam *Jornal do Algarve* sentidos pêsames.

DENTRO DUM PEQUENO ESPAÇO

ENCONTRARÁ CONCENTRADOS TODOS OS ELEMENTOS INDISPENSÁVEIS A UM CONTROLE RÁPIDO E SEGURO DAS SUAS CONTAS

SIDEX

GABINETE DE CONTABILIDADE

AV. GEN. ROÇADAS, 74 C.F.º - T.843965 - LISBOA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA PERMANENTE COM TÉCNICOS ESPECIALIZADOS

SEM COMPROMISSO PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO

Sirvam-se V. Ex.ªs colher informações nas firmas do Algarve que já possuem as nossas montagens:

Em Vila Real de Santo António:

- Centro Comercial de Combustíveis, Lda.
- Ernesto Duarte
- Gráfica do Sul
- José António Rilla
- Pilotos & Capa
- Ramirez, Perez, Cumbreira & C.ª
- Raul Bolque & Filhos, Lda.
- Soliva-Sociedade de Litografia e Vazio, Lda.
- Soc. Acc. Angelo Parodi Ru B.ººº
- V.ª Vasques Azevedo, Martin Navarro & C.ª, Lda.

Em Olhão:

- José Pedro Ladeira, Lda.
- M. Rodrigues Pereira

Em Faro:

- Empresa do Sul de Produtos Químicos, Lda.

Além destas importantes firmas, contam-se por centenas de instalações as esplanadas por todo o País.

À CONSTRUÇÃO CIVIL

CHAPAS DE

AGLOMERADO DE CORTIÇA

PARA ISOLAMENTO

DEFESA DAS HABITAÇÕES CONTRA O FRIO E O CALOR

IDEAIS PARA VARANDAS E TERRAÇOS

CANELAS & FIGUEIREDO, L.ª

Telefones 25058, 24502 e 21729 — R. Fanqueiros, 46 — LISBOA

FÁBRICAS EM LAGOS



FUNDO DE AUXÍLIO

a Organismos Desportivos

Dos 1.586.011\$10 distribuídos, agora, pelo Fundo de Auxílio a Organismos Desportivos, coube a importância de 37.000\$00 a clubes algarvios, assim repartida: Ginásio Clube Naval, 25.000\$00 e Lusitano Futebol Clube, 12.000\$00.

ACTUALIDADES DESPORTIVAS



F U T E B O L

Campeonato Nacional da III Divisão

O UNIDOS ISOLOU-SE no cimo da classificação

Despertar, 2 — Silves, 0

BEJA — Foi o Silves perder a Beja por 2-0 com o grupo mais fraco desta zona, no passado domingo.

Resultado que causou surpresa e que se pode atribuir em parte à alteração verificada na linha do Silves, com a inclusão de um jogador que há muito se encontrava afastado, que apenas treinou na última semana e que foi colocado num lugar que não era o seu.

O guarda-redes, que no penúltimo desafio se evidenciou, fez um desafio desastrado em Beja, deixando cruzar inexplicavelmente jogo perigoso, o que deu lugar aos 2 golos sofridos.

De resto, toda a equipa jogou mal, a ponto de deixar a turma alentejana sobressair e, a partir do primeiro golo, comandar em absoluto no terreno.

Os jogadores do Silves mostraram-se apáticos e como que indiferentes ao desenrolar da contenda, deixando os alentejanos antecipar-se nas jogadas, não se «fazendo» à bola...

Ora não está certo que jogadores da categoria que o Silves possui se amue porque a linha é diferente daquele que contavam e vão fazer a figura que fizeram em Beja no pas-

de pergaminhos e de pretensões à II Divisão, conseguiram oferecer-nos lampejos de jogo, que, embora rudimentares, pudésemos classificar de futebol.

O Desportivo, entrando a jogar em jeito de «ferrolho» — o que nos surpreendeu, tratando-se da equipa visitada e com zero pontos — aguentou com facilidade o mal executado jogo em «forcing» com que o Lusitano os pretendia surpreender. O exagerado jogo por alto — até parecia que a bola tinha «raça» de pássaro — em que ambas as turmas se empregaram, só proporcionou choques e mais choques, redundando num encontro quezilento, sem classificação possível no aspecto técnico, e que é preferível esquecer...

O empate a três bolas é, quanto a nós, o resultado certo, já que não é possível perderem as duas turmas. E agora, a arbitragem: O sr. F. Pacheco foi o árbitro ideal para o encontro. Erros de julgamento, má aplicação da lei da vantagem, rigorosíssimo no «penalty» contra o Lusitano e no segundo aplicado ao Desportivo. Enfim, contribuiu com a sua péssima actuação para remate da jornada.

Parra, do Lusitano, que desde o primeiro minuto de jogo se permitia discutir as «boas» decisões do ár-

A FESTA DO PORTIMONENSE

SOB o relampejar contínuo dos «flash» e o trovejar constante dos aplausos vibrantes, a festa dos portimonenses, em honra dos coruchenses, a despeito da tempestade de alegria e da fúria dos elementos fotográficos e eufóricos, foi uma linda festa.

Viveu-se nesta grande confraternização um abraço imenso, que o Desporto inspirou e que chegou de Portimão a Coruche...

Todos os coruchenses vibraram com ela — ausentes e presentes — sentindo e presentindo a ternura cálida deste Algarve em flor, extemporaneamente, na sua Primavera seródia de amendoieiras em festim, em «ballet» autêntico.

À amendoieira, aliou-se o sorriso em flor das senhoras, rosas de todo o ano, como diria o prosador elegantíssimo, dr. Júlio Dantas, e as mãos de fada de barlaventinas, que tocando de graça e milagre culinário o elegante «lunche» fizeram nascer sobre as alvas toalhas as mais estranhas iguarias, desde o «hors d'oeuvre» à «mayonnaise»; desde os perus trufados à S. João ao «cup».

Depois, foram as mesmíssimas senhoras que serviram com os seus sorrisos, engrinaldando os gestos e as loiças no lauto «lunche».

Que nos recorde, as ex.^{mas} sr.^{as} dr.^a Mariete Reis, D. Zulmira Tavares, D. Saudade da Luz Hilário Paula (mãe do jogador Hilário), D. Maria Manuela Cabrita, D. Ana Maria Mimoso Alvo, D. Berta da Silva Cabrita, D. Maria Rita Pinto, D. Amália Boneca e D. Alda Cartaxo, auxiliadas por um grupo de gentis portimonenses, convidadas para ajudar, fora a equipa a que o Portimonense confiou a sua representação de cortesia inspirada e gentil, equipa que venceu e convenceu a embaixada de Coruche, muito para além dos 2-0 do Estádio portimonense.

Festa linda em que o incidente do jogo ficou a perder de vista, como um violinista qualquer perante Paganini...

Outra equipa esteve em evidência — a dos oradores — António Rosado e Carlos Brito, dr. Silveira, presidente do Portimonense, José Sequeira Jor. e outros — que tudo quanto souberam disseram da nobreza de intenções com que Portimão inteira esteve presente, carinhosa e digna deste Algarve que a perfilha.

Recepção das mais belas e inesquecíveis, em que a palavra, o sorriso e o jeito servidor foram a trilogia gloriosa da vitória do homem para além do Desporto, dando-nos uma ideia perfeita de quanto poderia ser bela a função do músculo, servindo a causa de tornar forte a fraca gente. Glória ao Portimonense Sporting Clube e à sua grei gentil!

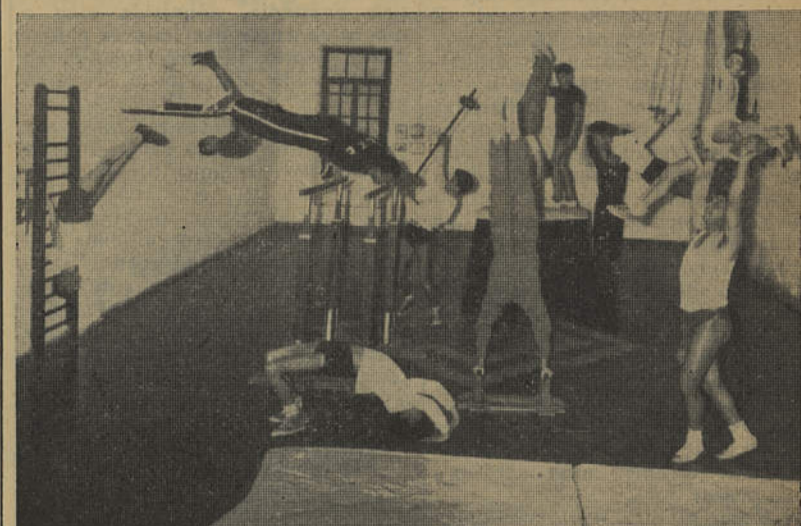
O CLUBE NÁUTICO

porta aberta à educação física

NOITE agreste, fria, mesmo escura. Os cafés regurgitam de jovens e velhos em alarido ensurdecedor. O fumo do tabaco, põe a atmosfera pesada, sufoca-nos. Preferimos a rua. Como cenário, o manto negro da noite, sem estrelas. Deambulamos pelas ruas. Procuramos algo de novo, que agrade aos nossos leitores. Sem nos apercebermos, eis que nos encontramos junto ao Clube Náutico. Sem qualquer hesitação transpomos o seu portal, tão nosso conhecido. Ali, com luz a jorros, o espectáculo, o assunto in-

cordamos a nossa primeira medalha e o pacotinho de bombons a que então tivemos jus. Belos tempos os de então! Cinema? Só aos domingos. Cafés? Havia em menor número e não tinham as atrações (!!!) que distinguem os de hoje. Tempos dos «botas de elástico»...

E um espectáculo desses, dos antigos, que divisamos agora, como se de cópia «a papel químico» se tratasse. Afugentamos as recordações longínquas e recompostos da surpresa inicial, admiramos o que João Ilídio Setúbal nos proporciona. Um



Classe especial e aplicada

vulgar que procurávamos, aparecemos. Julgamo-nos vítima de miragem. Miragem encantadora, que nas épocas remotas já deliciava gregos e espartanos. Apesar da nossa pouca idade, recuamos alguns anos, em pensamento, e julgamos ver Germano José de Salles ou Joaquim António Correia Jor., com suas vozes secas e vibrantes, ministrando ginástica. Ah! É com saudade que re-

grupo de gentis meninas, de idade oscilando entre os dez e vinte anos, evolucionam na sala, ao compasso rítmico de uns alinhavados números de ginástica educativa. Depois, a classe juvenil de rapazes. Espectáculo colorido, cadência ritmada, sequência harmoniosa de números já quase em ligação perfeita, enfim, juventude em toda a significação da palavra.

O tempo passa, mas nós, sem darmos por tal, continuamos a admirar «aquilo» que julgávamos já não ser possível ver executado por jovens da nossa terra. Agora, desfila a classe especial e aplicada masculina. A sua evolução continua, apresenta-nos variados e exuberantes exercícios de ginástica especial. Na ginástica aplicada, demonstraram o que lhes foi possível executar. O material é pouco, e esse mesmo, encontra-se em mau estado. Necessitam de paralelas, «bok», tapetes, trampolim, argolas, já não falando em cavalo de arção, barra fixa, mesa alemã, etc., etc. Mas... o Clube luta com dificuldades financeiras. Não tem subsídios especiais, os seus associados são poucos — o qu-



Classe juvenil de rapazes

aliás não nos surpreende, pois é o grande problema das colectividades pombarinas — e tudo o que lhe falta custa dinheiro, e bom dinheiro.

Confessamos-nos satisfeitos, e orgulhosos mesmo, do que acabamos de ver. São espectáculos de harmonia, cor e alegria que nos fazem esquecer a vida atribulada, vivida no dia a dia. Ali, tudo nos fala de saúde. A luz resplandece mais brilhante, o ar é mais puro. Oh! Que contraste com o ambiente saturado do café!!! E apetece-nos lançar este apelo: Jovens, inscrevei-vos no Clube Náutico, comparticipai com a vossa ajuda pois só tereis a lucrar com isso. Pais, mães, protegi a saúde dos vossos filhos, inscrevei-os nas classes de ginástica do Clube que um bem tão salutar lhes proporciona!

Todos nos recordamos, ainda, daquele festival de eleição que, numa noite inolvidável, nos proporcionou a popular e simpática colectividade de ginástica, Lisboa Ginásio Clube. Se todos, então, gostámos, porque não havemos, agora, de ajudar o Náutico, na concretização de tão proveitosas vantagens para a mocidade da nossa terra?

Os novos corpos directivos do Sporting Clube Olhanense, eleitos em assembleia geral, são: **Assembleia Geral** — Dr. Arnaldo da Assunção Mattos, Alfredo Timóteo Ferro Galvão, José Viegas Franco e José Rodrigues Palma. **Direcção** — Lourenço Baptista Lopes de Mendonça, António Jacinto Ferreira, Rui Eduardo da Glória Centeno, Francisco Paulo, Manuel Paulo, José Fernandes dos Santos e João de Jesus Ventura. **Conselho Fiscal** — Dr. Manuel Eusébio Ramires, Luciano Cativo, Alexandre de Sousa Campina, Dr. João Mercante Vicente Ferro e António Jacinto Ferreira Júnior.

Sporting C. Olhanense

Os novos corpos directivos do Sporting Clube Olhanense, eleitos em assembleia geral, são:

Assembleia Geral — Dr. Arnaldo da Assunção Mattos, Alfredo Timóteo Ferro Galvão, José Viegas Franco e José Rodrigues Palma.

Direcção — Lourenço Baptista Lopes de Mendonça, António Jacinto Ferreira, Rui Eduardo da Glória Centeno, Francisco Paulo, Manuel Paulo, José Fernandes dos Santos e João de Jesus Ventura.

Conselho Fiscal — Dr. Manuel Eusébio Ramires, Luciano Cativo, Alexandre de Sousa Campina, Dr. João Mercante Vicente Ferro e António Jacinto Ferreira Júnior.

Campeonato Nacional (II Divisão)

5-1 • 2-0 • 1-0

Federação Portuguesa de Futebol

Quase certo «trio algarvio» fase final II Divisão

Almada, 0 — Olhanense, 1

Golo de Parra

No Pragal as dificuldades do «sub-leader» foram constantes e são até sublinhadas por toda a crítica, que fala «por uma só boca».

Estes apontamentos críticos uná-

nimes se revelam mérito e infelicidade do vencido não escondem o valor do adversário, concluindo que em relvado, o Olhanense, deverá constituir um prazer para os olhos vê-lo jogar futebol.

A equipa mais uma vez triunfou do adversário e das críticas carpi-deiras que, quanto a nós, para além da infelicidade dos almadenses choram mais alguma coisa — o adeus definitivo que o 2.º lugar da zona acaba de fazer a todo o Sul, tirando bilhete de ida até ao Algarve, para se juntar ao seu irmão primeiro.

Todavia, não esqueçamos que o mérito numa vitória é tanto mais de salientar quanto as dificuldades a revestem de árdua e laboriosa.

Abade, Reina, Poeira, Parra, Costa e Cava, foram os «artistas» da equipa que deu espectáculo no Pragal.

Parabéns a José João e ao seu novo colaborador, «400», novo orientador técnico, que veio dar relevo ao trabalho do técnico barreirense.

Afinal a equipa joga, o que não tinha era os 400\$00 por estímulo.

Jogos para amanhã

MONTEMOR-FARENSE (1-4)

Primeiro e último estarão domingo em «1.º de Maio», com destinos diferentes.

Um procurando manter o comando da prova, outro resignado já da sua sina de «condenado».

Mesmo depondo em favor dos montemorenses o clima casa, estes não negarão ao «leader» mais dois pontos positivos.

OLHANENSE-SERPA (2-5)

Não é de crer no insucesso do «team» de Olhão, que há cinco jornadas não sabe o que é perder. E não é de crer no insucesso, já porque os grupos têm credenciais diferentes, já porque os «rubro-negros» na sua eutória de 2.ºs classificados, de «pedra e cal», vivem cada vez mais robustecidos.

A equipa regressa de Beja e Almada reconciliada consigo própria e com os seus adeptos, devendo continuar a rota dos triunfos.

MONTIJO-PORTIMONENSE (0-2)

O Portimonense joga nesta hora e meia o «ser ou não ser» da sua qualificação em penúltima análise, procurando fora pontos essenciais.

Perante o obstáculo de um «Montijo» pouco susceptível de se deixar vencer, as dificuldades avultam em teoria.

A defesa algarvia tem talento neutralizador para inspirar a equipa na dura empresa. Todavia, o êxito da viagem dependerá do seu ataque — dos golos que ele for capaz de concretizar.

António A. Santos

Portimonense, 2 — Coruchense, 0

Golos de Camarinha

A despeito do jogo frio e desgredado pelo vento, ambas as equipas estiveram em plano de evidência jogando de harmonia com os cânonez, razando a bola. Embora em «punhos de renda», em rigor académico, num jogo à inglesa — quase «Blackpool - Aston-Vila» — a partida, em dois tempos distintos, foi digna de apreço com apontamentos críticos de merecimento.

No primeiro trecho os barlaventinos, rolando o esférico, dominaram por determinados períodos, mas estiveram infelizes nos remates de Camarinha. Nestes 45 minutos, a equipa visitada desenhou, sob a inspiração de Di Paola diagramas perfeitos, cuja sequência não encontrava finalidade nos pés dos avançados por demasiado complicativos e ainda pela impermeabilidade da defesa azul, em generoso apego à luta neutralizadora.

Primeiro tempo dos portimonenses, mal ajudado por um golo solitário para expressar o ascendente da melhor equipa no terreno.

Depois do intervalo e com o vento de feição, o Coruche foi outra equipa. Lutou de «fio a pavio», impôs equilíbrio notório e só por infelicidade não concretizou o golo de honra, a dois minutos do fim, quando estava farto de o merecer.

45 minutos de futebol mais repartidos, mais iguais e mais disputados, com várias oportunidades geradas e perdidas para uns e outros contendores.

A salientar: Daniel, seguríssimo; Luz, esplêndido de recursos tanto a bater a bola como em conhecimento do lugar; Di Paola, como «maestro» autêntico, cerzindo todo o futebol de defesa-ataque, em «souplesse», e Camarinha, o mais destacado dos avançados, como as notas de mais relevo para os barlaventinos.

Farense, 5 — Beja, 1

Golos de: Tarro (2), Francelino, Queimado e Balela

O grupo «pacense» impôs árduo labor aos algarvios. Sobretudo no tempo inicial, em que o «Leões de Faro» esteve indeciso e longe da sua bitola de mérito, complicada pelo vento forte.

Por isso, a marca tangencial que selou o primeiro tempo não adjectivou francamente o «leader» nestes 45 minutos.

De re-início o grupo algarvio melhorou abertamente e com a bola rolando de unidade para unidade experimentou o encontro e a conjugação dos vários compartimentos, criando consistência na equipa, daí o seu balanço aturado sobre a defesa alentejana, «esmagando-a» com quatro golos sem resposta.

Partida de nitida superioridade do «leader» que, a despeito do jogo aéreo do primeiro tempo, nunca negou o sentido de superioridade concretizando após o reatamento as notas conclusivas do seu valor.

A salientar os nomes de Francelino, Ventura, Isaurindo, Tarro e Reina, como as pedras de melhor valor no xadrez do «team».



Desportivo Sambrasense, 4.º representante algarvio ao Nacional na III Divisão

sado domingo. A linha era mais fraca? Maior razão para jogarem ainda com mais alma, para suprirem pela genica a falta de preparação física ou técnica de algum ou alguns elementos, pois só assim se demonstra o amor pela camisola e pelo clube.

Se, quem fez a linha, errou, mais prevaricaram os jogadores pelo seu desinteresse. — C.

Desportivo, 3 — Lusitano, 3

S. BRÁS — Difícil, mesmo muito difícil, escrever o comentário a este encontro. O fulcro dos nossos arrazoados é o futebol. Esse, o futebol, foi o que não conseguimos ver. Não nos deu o prazer da sua «comparência» no Estádio Municipal... Ocorre-nos, agora, uma frase que define bem o que se passou durante os noventa minutos regulamentares: Nunca tantos (o trio de arbitragem também entra) conseguiram jogar tão mal!!! Na verdade, nem o Desportivo, que possui uma equipa jovem e energética, conhecedora, a palmos, do minúsculo recinto de jogo, nem o Lusitano, equipa

bitro, recebeu ordem de expulsão aos 26 minutos do primeiro tempo. — C.

Moura, 3 — Unidos, 3

MOURA — Os jogos só estão ganhos quando a vantagem de vencedor é mantida até ao último apito do árbitro. Nessa altura é que os encontros terminam. O Unidos, vítima de uma arbitragem «caseira», não conseguiu defender a sua posição de vencedor, vendo-se empatado quando já passava do tempo regulamentar. De salientar as actuações de Eugénio, Gralho e Jaruga. — C.

Aljustrelense, 1 — S. Domingos, 0

Jogos para amanhã

SILVES (4 p.) — Aljustrelense (3 p.) LUSITANO (1 p.) — Despertar (2 p.) DESPORTIVO (1 p.) — Moura (4 p.) S. Domingos (4 p.) — UNIDOS (5 p.)

FALTA DE ESPAÇO

Por absoluta falta de espaço na nossa secção de Actualidades Desportivas, tivemos de retirar vários originais, do que pedimos desculpa aos nossos prezados colaboradores, e em especial ao sr. eng. Manuel Menéres, do Porto.

O Jornal do Algarve vende-se em Lisboa, na Tabacaria Mónaco, no Rossio.

Campeonato Distrital de Juniores (2.ª fase)

Resultados de domingo: S. C. Olhanense, 1 — S. C. Farense, 1 C. F. Esperança, 2 — Silves F. C., 2

Jogos para amanhã

S. C. Farense-Silves F. C. C. F. Esperança-S. C. Olhanense

Máquinas «SINGER» DESDE 1.000\$00 RESTAURADAS

Dirigir-se a: RUA SOUSA MARTINS, 62-64 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

— BARDAHL —

Um mestre de traineira sugere

fiscalização a bordo para se evitar a mortandade do peixe miúdo

Conclusão da 1.ª página

apodrecer no fundo do mar, envenenando as águas e exalando um cheiro fétido que se prolonga por mais de um mês, tornando impossível a permanência no local. E depois de toda esta carnificina apresentam na lota dois ou três milheiros de sardinha grande e limpa. E as autoridades ficam satisfeitas com estes «consciosos mestres» que só capturam peixe grado. Ora, isto não aconteceu uma nem duas vezes durante a temporada, e como as traineiras são muitas, se uma «larga» a este peixe tendo o mestre a consciência de se tratar de peixe miúdo (embora haja algum grande à mistura) os outros dizem: «Se tu largas eu também largo», e são, imediatamente, dez, vinte e mais traineiras a estender as suas redes e a destruir a sardinha pequena. E é esta a razão porque disse que dentro de poucos anos não teremos uma sardinha para pescar.

— E que medida devia ser tomada para se evitar essa acção criminosa?

— A meu ver, a única maneira viável de pôr cobro à ruína que se aproxima, e sem dispêndio para as capitãlias, é dentro de cada companhia de traineiras e cercos, existir um homem de idoneidade comprovada que sirva de fiscal com plenos poderes concedidos pelas capitãlias para não consentir tais devastações da nossa maior riqueza, sendo obrigado a apresentar um relatório diário à autoridade marítima.

— Mas esse fiscal não poderá ligar-se ao mestre e calar-se?

— Não é fácil. Como deve saber, logo que uma traineira lança a rede as outras procuram saber de que peixe se trata. E tendo todas a bordo um fiscal, se um destes ocultar a verdade os outros denunciam-no. E temos assim uma fiscalização eficiente.

E aqui ficam as considerações de um pescador consciente, para as entidades devidas ponderarem.

Eurico Santos Patrício

PRECISA-SE

Oficina de Carpintaria Mecânica apetrechada com modernas máquinas, precisa de pessoal especializado, 2 carpinteiros e 2 marceneiros. Dirigir-se a Nascimento dos Santos Sequeira — Silves.

PROPRIEDADE

Vende-se, no Barranco dos Fós (Alte), composta de alfarrobeiras e oliveiras. Tratar com José Maria Santos Calado, rua Rosa Damasceno, 15-2.º Dto.—Lisboa.

O ALGARVE NA OBRA de Teixeira Gomes

Continuação da 1.ª página

olho para o céu, para o mar, para as montanhas, para a paisagem, com a encantada curiosidade de um ressuscitado; e escrevo a alguns amigos com a abundância — a incontinência que sabe. O que lhes digo é leve e inconsistente, como é a minha bagagem literária. Vou consumindo, à semelhança de certos animais que hibernam, a própria enxúndia, adquirida com o magro chorume das leituras passadas e repito, invariavelmente, ao fim de cada dia: este já ninguém mo tira.

O silêncio de Teixeira Gomes era «tenaz, como o das almas limpas de remorso»; e tão impregnado viveu sempre de predisposição para o isolamento que amou e cantou o próprio «trágico», «orgulhoso» isolamento de certas paisagens.

A concluir esta nota sobre um dos traços mais acentuados no autor do «Agosto Azul» — a vocação para o isolamento — dizemo-lo característica permanente sua, que não podia deixar de reflectir-se na obra que escreveu, e de a condicionar em certos aspectos.

O ostracismo a que Teixeira Gomes se votou, não o interpretamos, pois, apenas como derivado do seu inquilinato em Belém. Ele não foi um acto exclusivo de recusa nem a consequência de uma imposição externa. Não. Mesmo que os resultados da experiência política tivessem sido outros, por certo Teixeira Gomes buscava refúgio na vida solitária, em obediência às determinantes da sua idiosincrasia. E esse isolamento, essa retomada do fio às lucubrações teria, fatalmente, por cenário o Algarve encantado que sempre adorou, se ele não desseja a certeza absoluta, irrefragável, de que não o iriam «incomodar».

Antes de ter partido para Londres, já ele dizia: «Com os meus livros, as minhas propriedades, e a paisagem e o mar algarvios — e o meu negócio que era rendoso e então me tomava apenas dois meses no ano — supunha eu possuir elementos mais do que suficientes para ir folgado e singrando esse muito ou pouco tempo que me restasse de vida, quando rebentou a revolução de cinco de Outubro. Tinha eu cinquenta anos e nascera-me a filha mais nova poucos dias antes. Tudo larguei e fui servir a República no posto de ministro em Londres, para onde jamais me passara pela ideia que iria, e terminantemente recusei quando mo propuseram».

Também durante o curto período presidencial, foi pensando em preparar o seu retiro, que ficasse perto do mar.

Depois de resignar à presidência, achou bem ir postar-se no Algarve de além mar, não em frente do seu, para que o não pressentissem, mas suficientemente perto, porque a distância separatória da costa meridional portuguesa não tinha significado ante o poder monopolizador da sua alma sofredora de poeta, de sonhador e de saudosista.

«Nascido e criado no Algarve, onde ainda então as amas contavam aos meninos lendas de moiras encantadas, e onde ainda hoje se respira algo de muçulmano na atmosfera, na linguagem, e nos usos e costumes, talvez atávicamente preparado também por antecedentes de geração para apreciar os conhecimentos da sensualidade e da poesia árabe, foi sempre aspiração minha visitar as terras da moirama. Isso o consegui, relativamente muito novo, nos muitos anos a fio, durante os quais, por cinco ou seis meses cada ano, percorri as costas do Mediterrâneo».

Os contornos deslumbrantemente espectaculares da Costa d'Ouro, que já lhe tinham fecundado algumas das páginas mais bem lapidadas de toda a literatura portuguesa, não regressariam ao alcance imediato dos seus olhos; no entanto, os sentidos agudíssimos do espírito permitir-lhe-iam uma permanente ultrapassagem anímica da linha do horizonte, e adivinhar-se a recerter nos mesmos lugares sadios onde vivera tempos felizes, quando ainda não amargava o paladar da desilusão, e em vez dela sorria a taça das incandescências naturais.

Enquanto deambulava pelo mundo, cruzando e recruzando lugares monumentais, aprofundando uma espantosa colecção de recordações. No isolamento em La Bougie reemocionou-se com a evocação do passado, e essa reemocionação levou-o, muitas vezes, «até às lágrimas».

Ele mesmo confessava, embora com exagero, a sua «incapacidade insanável de descrever imediatamente o que via», necessitando de uma visualização intro-retrospectiva antes de começar a compôr; e a «inclinação paradoxal que lhe desviava o pensamento de tudo quanto o cercava, para o que estava ausente e longe».

«As imagens que a visão directa desperta têm o tom altamente pitoresco, mas cru. Para alcançar o sentido poético, fácil de exteriorizar, precisam de ser largamente decantadas na alma, pela saudade e... pelo tempo».

O gosto pela evocação do passado teve-o sempre, inclusivamente nos anos acidentados da presidência, quando aconselhava António Patrício a escrever as suas recordações, reforçando o conselho com a confissão de que fazer um trabalho daquele tipo seria «a única coisa que (lhe) daria verdadeiro prazer».

Muito anteriormente àquele desabafo, vinte e oito anos antes da sua ida para o Norte de África, pronunciou esta frase, autêntica profecia do exílio: «Ah! espíritos raros que só vivem do passado e aos quais o espectáculo da vida actual constantemente prepara o gozo futuro das saudades e das lembranças; espíritos que o espectáculo da vida ambiente deixa na aparência indiferentes, mas que nele sugam intensamente elementos para um futuro de deliciosas recordações e saudades».

No Norte de África a saudade tomou posse de si, tornou-se-lhe a única razão da existência, a portentosa força motriz de tudo que realizava.

A sua memória, à sua espantosa memória, que em certos casos tinha, como ele acentua, o poder das câmaras fotográficas, e, como ele diria hoje, as possibilidades do cinematoscópio, e na qual, todavia, não desejava confiar «estultamente», acudiam em turbilhão as recordações, agradáveis umas, dolorosas outras, como jorros de água acumulada durante anos nas vísceras dum monte, brotando desesperadamente à superfície.

«De cada cidade minha conhecida conservo uma recordação olfactiva que nunca mais se esvai»;

«Houve mesmo uma época, bastante larga, durante a qual eu podia, fechando os olhos, evocar um quadro, visto horas antes nalgum museu ou igreja, com tal precisão, que lhe descobria pormenores que me tinham escapado à inspecção directa».

Pois apesar de ser senhor absoluto desta invulgaríssima capacidade de recepção, queixou-se uma vez de que nunca possuiu boa memória!

A memória de Teixeira Gomes tinha «encruzilhadas» dando para diversos compartimentos onde se encontravam expostas, «fielmente insculpidas», as imagens do exterior; e essas encruzilhadas «escarafunchava-as» ele constantemente. Ela era capaz de reter as impressões que lhe agradavam «intactas», «invioláveis», e de as restituir «vívissimas» «só que um leve desejo ou lenta saudade as bafejasse».

Já no fim da vida, encontramo-lo exclamando: «Que adorável hora para recordar»; «é-me doce... sempre, evocar recordações só ao sabor da fantasia; e sobretudo para

esconjurando estados de alma que me pesem».

Todavia, nos momentos de maior desalento, quando estava prestes a soar a sua última hora, confessava: «Sinto-me morrendo lentamente com esta evocação do passado; demasiado me comprazo em olhar para trás: é a impotência de quem nada tem já a criar. No dia em que se me acabar a curiosidade do futuro (que mais não seja do dia seguinte) e eu não tiver olhos, nem pensamentos, se não para o passado, estará consumada a minha verdadeira morte e não serei mais do que um cadáver ambulante...»

(continua) J. Mimoso Barreto

LIMPEZA A SECO DE VESTUÁRIO

Pelos processos mais modernos limpa, a seco, todo o género de tecidos o técnico especializado nas principais casas de França e Marrocos

FRANCISCO DE BRITO GONÇALVES

Rua Miguel Bombarda, 70

Vila Real de Santo António

Propriedade

Vende-se, denominada «O Muro», em Vila Nova de Caceia, com 120 alqueires de terra de primeira, toda arborizada, com vinha, casa para os donos e caseiro, ramadas para vacas, cavalariças, palheiro, adega, um silo subterrâneo e poço.

Quem pretender dirigir-se à Redacção deste jornal ao n.º 53, em carta fechada.

A quadra de hoje

*Fogueira que se apagou,
Nem sempre é fogueira morta.
— O mendigo, que passou,
Volta, um dia, à mesma porta.*

António da Cunha Correia Júnior

Gambém na cozinha se

pode ser artista

Frango à espanhola — Depois de depenado e limpo o frango, põe-se numa caçarola cortado aos bocados, com cebola, pimentos verdes, tomates, azeite, sal e pimenta, disposto tudo do seguinte modo:

Uma camada de rodas de cebola, bocados de tomate sem peles nem pevide, pimentos verdes, azeite e sal. Depois uma camada de frango, a seguir outra igual à primeira, etc.

Estando tudo assim disposto, leva-se a caçarola a fogo brando até o frango ficar bem cozido.

A declaração dos direitos da criança

Pela presente Declaração dos Direitos da Criança, conhecida pela Declaração de Genebra, os homens e as mulheres de todas as nações reconhecem que a Humanidade deve dar à criança o que tem de melhor e afirmam como seu dever que:

I — A criança deve ser protegida à margem das considerações de raça, de nacionalidade e de crença.

II — A criança deve ser ajudada no respeito pela integridade da família.

III — A criança deve ser mantida de modo a desenvolver-se de uma maneira normal, materialmente, moralmente e espiritualmente.

IV — A criança que tem fome deve ser alimentada; a criança doente deve ser tratada; a criança deficiente deve ser ajudada; a criança inadaptada deve ser reeducada; o órfão e o abandonado devem ser recolhidos.

V — A criança deve ser a primeira a receber socorros em ocasiões de desgraças.

VI — A criança deve beneficiar plenamente das medidas de previdência e de segurança sociais; a criança deve ser posta em estado de poder ganhar a sua vida,

quando possa fazê-lo, e deve ser protegida contra toda a exploração.

VII — A criança deve ser educada no sentimento de que as suas melhores qualidades hão-de ser postas ao serviço dos seus irmãos. (De «Le Courrier» da Unesco).

Conservação das maçãs

As maçãs podem conservar-se frescas. Para lhes assegurar a firmeza da polpa e a boa aparência, basta esfregar cada maçã com um trapinho muito limpo embebido em glicerina. Não só ficam mais brilhantes os frutos como também formando a glicerina uma película protectora, impedirá o ar de as contaminar.

O doce nunca amargou

Bolos de banha — Amassa-se muito bem 250 grs. de açúcar e igual porção de banha de porco.

Junta-se-lhe ainda, vidrado da casca de limão, canela em pó, e amassa-se sempre. Mistura-se em seguida farinha de milho até ficar de boa consistência para se poderem tender uns bolinhos redondos que se levam ao forno a cozer em tabuleiros.

Conhecimentos úteis

As nozes mantêm-se frescas de um para o outro ano se se colocarem em terra bem comprimida.

— A clara de ovo pode ajudar notavelmente a corrigir uma «maionaise» que se tenha cortado. Misturando um pouco desta a começar a preparar o molho poder-se-á evitar o perigo de que se estrague.

— Para passar os lenços ou outras roupas com encaixes de rendas, a melhor forma, para que fiquem como novas, é lavar um vidro e estender sobre ele a peça ainda húmida e deixar secar. Ficarão mesmo como novas.

É agora não ria!

O psiquiatra ficou surpreendido ao ver entrar no consultório uma senhora trazendo um pato preso por uma linha.

— O que se passa, minha senhora? — perguntou-lhe o médico.

— Eu não tenho nada, — respondeu ela. E, apontando para o pato — O meu marido é que tem a mania de que é pato.

SR. LAVRADOR:

FAÇA CONTAS, NÃO DESPERDICE DINHEIRO

ADUBAÇÕES AZOTADAS DE COBERTURA ECONÓMICAS E EFICAZES

Conseguem-se utilizando

NITRO-AMONIACAL C. U. F.

com 20,5% de azoto

ou

Nitro-amoniaco concentrado C. U. F.

com 26,5% de azoto

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

Depósitos e revendedores em todo o país

Para qualquer esclarecimento dirija-se aos

SERVÍCIOS AGRONÓMICOS da COMPANHIA UNIÃO FABRIL



Com esta tinta até um bebé pinta!

FABRICA DE TINTAS E VERNIZES "EXCELSIOR"
J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.
TRAV. DO GIESTAL, 4 (à R. Aliança Operária) Tel. 637106 LISBOA

«A MURALHA» EM FARO

Na quarta e sexta-feira o Teatro dos Amadores de Faro leva à cena, no cinema Santo António, a discutida peça de Calvo Sotelo, «A muralha».